



AGROECOLOGIA *VERSUS* AGRONEGÓCIO: uma luta entre Davi e Golias

AGROECOLOGY *VERSUS* AGRIBUSINESS: a fight between David and Golias

Juliana Silva da Rocha Nickel¹
Marcelo Almansa²

Palavras-chave: agroecologia; agronegócio

Keywords: agroecology; agribusiness

No Brasil, o período de pandemia fez com que o cidadão brasileiro tivesse que lidar com outra situação amarga: a liberação de mais cento e dezoito 118 agrotóxicos (liberações furtivamente inseridas em legislação de enfrentamento à pandemia). (BRASIL, 2020a; BRASIL, 2020b; GRIGORI, 2020). Na verdade, o governo federal fez exatamente como deixou transparecer o ex-Ministro do Meio-ambiente - Ricardo Salles na famigerada reunião ministerial de 22 de abril de 2020 - aproveitou para “passar a boiada”. Esta, na verdade foi apenas mais uma ação concertada com uma série de outras que deixa cristalino o fato de que o agronegócio, com suas mazelas, encontra-se, e com apoio do governo, em plena pujança: reestruturação ou até mesmo extinção de Ministérios (como no caso do de Desenvolvimento Agrário) ou secretarias importantes (no caso dos governos estaduais, temos como exemplo, o governador do Rio Grande do Sul que extinguiu a Secretaria do Meio Ambiente e do Desenvolvimento Rural); colocação em cargos “chave” de pessoas

¹ Advogada e Doutoranda em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, com especialização em Novo Direito Civil pela Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul, integrante do Grupo de Estudos Comunitarismo e Políticas Públicas coordenado pelo Prof. João Pedro Schmidt. Email: julianochochanickel@gmail.com

² Advogado e Mestrando em Direito pela Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, Especialista em Direito Empresarial; integrante do Grupo de Estudos Comunitarismo e Políticas Públicas coordenado pelo Prof. João Pedro Schmidt. Email: marceloalmansa@hotmail.com



notoriamente contrárias a políticas públicas mais voltadas a proteção do meio ambiente ou dos povos da terra, tais como o próprio Ricardo Salles, Tereza Cristina (Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) e outros; desmonte e esvaziamento de políticas públicas e programas educacionais mais voltados para o campo como o caso do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA); desmonte do Instituto de Geografia e Estatística Brasileiro (IBGE) que vai dificultar muito, ou até mesmo impedir, a compilação de qualquer dado social, seja ele voltado ao campo ou não; e a inércia da justiça frente a ocorrência de crimes ambientais como as queimadas e o desmatamento.

Em contrapartida, a agroecologia, apesar de sua tenra idade enquanto ciência, parece ter potencial de fazer frente a esse movimento. Nossa hipótese advem exatamente daí: a agroecologia está (ou não) tendo sucesso em fazer frente ao agronegócio. No tocante à metodologia, para responder ao tema proposto, adota-se como teoria de base, a pedagogia do oprimido de Paulo Freire (conjunto da obra); como procedimento, adota-se a análise bibliográfica; e por fim, como técnica de construção: fichamentos, resumos e vídeos. Por fim, pelo fato de que o governo federal atual (um dos maiores responsáveis pelo que concluímos em termos de hipótese) ter pela frente mais um ano, ainda não temos um resultado tão concreto, por isso, o presente estudo valeu-se da inferência dedutiva para testar uma predição de determinado resultado, ou seja, valeu-se do método de abordagem hipotético-dedutivo.

Uma vez que o presente trabalho centra-se numa espécie de embate entre esses dois “modos de produção agrícola”, mister se faz esclarecer do que se tratam ambos. Iniciemos pelo agronegócio, uma vez que a agroecologia não deixa de ser uma resistência a ele. Como bem ensinam Leite e Medeiros, o termo “agronegócio” adveio do termo inglês *agrobusiness* que por sua vez, foi criado para expressar a relação econômica entre o setor agropecuário e aqueles que circundam as esferas industrial, comercial e de serviços. Já no Brasil, o termo tomou forma junto ao processo de modernização e industrialização da agricultura que ocorreu na década de 70. Essa preocupação em integrar os termos agricultura e indústria parece trazer em seu bojo uma desejada – por parte do



mercado – supremacia do lado “indústria” sobre o lado “agrícola”, e o desdobramento disto vai ser um certo desprezo por aquilo que é genuinamente do campo. (LEITE; MEDEIROS, 2012, p. 81-83) Colocando em poucas palavras, podemos dizer que o agronegócio é esse modelo de produção agrícola que baseia-se na monocultura (notadamente a de soja, milho e algodão) e que faz uso indiscriminado de agrotóxicos e transgênicos. Além disso, sua produção destina-se majoritariamente para a exportação. Essas informações, fazem cair por terra o discurso de que o agronegócio gera alimento e renda para a população brasileira, pelo contrário, seu grande mote é o lucro e ao invés de alimento, produz *commodities*. Referido lucro é perseguido vorazmente, deixando rastros de devastação do meio ambiente, apropriação indevida de grandes quantidades de terra (até mesmo áreas de preservação, onde muitas vezes habitam povos originários), uso indiscriminado de agrotóxicos, poluição das águas e ainda a implantação no imaginário da sociedade, de que trata-se de algo positivo, afinal de contas, quem não conhece o *logo* da grande mídia “agro é pop, agro é tech, agro é tudo!”? No outro lado da “moeda”, encontramos uma agricultura familiar, de subsistência, que compõe 70% da alimentação do brasileiro (IBGE, 2017) e que atualmente luta para produzir de forma mais agroecológica. Passamos assim a breves considerações sobre agroecologia. Caporal (2009) ao discorrer sobre o tema, faz questão de apontar primeiramente o que *não é* agroecologia, já que esta é comumente – às vezes por falta de conhecimento, outras, por má-fé – confundida, ou até mesmo reduzida a outros institutos, ciências ou práticas, como ocorre por exemplo, com a produção orgânica: a agroecologia não se encerra nela, aquela é na verdade apenas uma das consequências desta. Caporal assevera que também não se trata de um “novo modelo de agricultura”, ou um “movimento social”, ou um “novo modelo tecnológico”, etc. Ou seja, não é nada disso se a entendermos como sendo uma matriz disciplinar, um enfoque científico e como algo que tem potencial de “apoiar processos de desenvolvimento rural mais sustentável”. (CAPORAL, 2009, p. 3-4)



Uma questão importante a ser colocada: a face do capitalismo desenfreado que mostramos aqui através do agronegócio, vem percebendo que a agroecologia, notadamente um de seus desdobramentos: a produção orgânica, vem ganhando um espaço considerável entre os consumidores do mundo todo. Esse movimento, para o agronegócio, se traduz em uma variável: mercado. E é aí que temos um problema grave, pois para este tipo de produção agrícola não leva em consideração outras variáveis que compõem a agroecologia, tais como troca de saberes, reconhecimento do papel de minorias, promoção de economias locais, proteção da biodiversidade do planeta e outras. Essa apropriação corporativa e institucional da agroecologia pelo capital é nefasta e continuará a alijar os despossuídos (principalmente os ligados ao campo) dos seus direitos mais básicos, tais como alimentação saudável, trabalho, dignidade, permanência no campo (para os que assim desejarem), etc.

Levando em consideração a hipótese a apresentada e o que foi demonstrado ao longo do trabalho, infelizmente, concluímos pela negativa, ou seja, a agroecologia, pelo menos no momento, com o atual governo federal (e alguns estaduais) parece não estar conseguindo fazer frente ao agronegócio. Ou seja, ao que parece, “Davi não ganhou esse confronto”. Entretanto, não obstante este cenário, precisamos “esperançar” como dizia Paulo Freire, ou seja, precisamos agir e acreditar que há uma saída. Nesse sentido, inúmeras ações que já estão sendo realizadas e engendradas. Em sua maioria são entidades, organizações, cooperativas ou ainda articulações que estão voltadas para e/ou agroecologia, ecossocialismo, agricultura familiar, educação do campo e que priorizam a produção de alimentos e não o lucro. Por exemplo, há hoje no Brasil duzentas e cinquenta e cinco (255) Escolas Famílias Agrícolas que estão espalhadas por todo Brasil que se preocupam em ensinar os alunos a partir de suas experiências e suas necessidades levando em consideração o ambiente em que vivem. Enfim, apesar dos pesares, são tantas ações positivas que vemos ocorrer, que não parece que temos o direito de “desesperançar”!

REFERÊNCIAS



BRASIL. **Lei nº 14.035 de 11 de agosto de 2020a.** (conversão da Medida Provisória 926 de 20 de março de 2020) Altera a Lei nº 13.979 de fevereiro de 2020 e dispõe sobre procedimentos para aquisição e contratação de bens, serviços e insumos destinados ao enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.035-de-11-de-agosto-de-2020-271717691>>. Acesso em: 23 out 2021.

_____. **Decreto 10.282 de 2020b.** Regulamenta a Lei nº 13.979 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm>. Acesso em 23 out 2021.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia:** uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis./ Francisco Roberto Caporal – Brasília: 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

_____. **Ação cultural para a liberdade:** e outros escritos. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como prática da liberdade.** 18 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1983.

GRIGORI, Pedro. Em meio à pandemia, governo Bolsonaro aprova 118 agrotóxicos em dois meses. **Agência pública.** 13 de maio de 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/05/em-meio-a-pandemia-governo-bolsonaro-aprova-96-agrotoxicos-em-dois-meses/>>. Acesso em 23 out 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agro, florestal e aquícola de 2017.** Expõe os resultados das pesquisas sobre a produção agropecuária do Brasil. Disponível em: <<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/2012-agencia-de-noticias/noticias/25786-em-11-anos-agricultura-familiar-perde-9-5-dos-estabelecimentos-e-2-2-milhoes-de-postos-de-trabalho.html>>. Acesso em: 23 out 2021.

LEITE, Sergio Pereira; MEDEIROS, Leonilde Servolo. Agronegócio. In: **Dicionário da educação do campo.** (Orgs) Roseli Salette Caldart *et al.* Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. Disponível em: <<http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/l191.pdf>>. Acesso em: 23 out 2021.